

**AS REPRESENTAÇÕES DE ANTÔNIO ROLIM DE MOURA  
SOBRE A PAISAGEM NO INTERIOR DA AMÉRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVIII**

**THE REPRESENTATIONS OF ANTONIO ROLIM DE MOURA  
ON THE LANDSCAPE IN THE INTERIOR OF PORTUGUESE AMERICA IN CENTURY XVIII**

Loiva Canova\*

---

**Resumo:** Este artigo trata do olhar de Antônio Rolim de Moura acerca da paisagem no interior da colônia portuguesa na América, no tempo do setecentos. São aqui problematizadas as representações construídas quando Antônio Rolim de Moura observou a terra, a fauna, flora e as composições morfológicas da natureza durante o longo percurso que fez do Rio de Janeiro, para empreender uma viagem monçoeira a partir do porto de Araraguaba, localizado na Capitania de São Paulo, até a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, na parte mais central da América do Sul, na Capitania de Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Antônio Rolim de Moura, natureza, paisagem

**Abstract:** This article deals with the look of Antônio Rolim de Moura on the landscape within the Portuguese colony in America at the time of seven hundred. Are here focuses on the representations built when Antonio Rolim de Moura noted the land, wildlife, flora and morphological compositions of nature during the long journey that has made Rio de Janeiro, to undertake a journey monçoeira from the port of Araraguaba, located in Captaincy of São Paulo, to Vila Real do Senhor Bom Jesus of Cuiabá, in the most central part of South America, in the Province of Mato Grosso.

**Keywords:** Antônio Rolim de Moura, nature, lanscape

---

Este texto trata do olhar de Antônio Rolim de Moura acerca da paisagem no interior da colônia portuguesa na América, no tempo do setecentos. São aqui problematizadas as representações construídas pelo Governador de Mato Grosso quando observou a terra, a fauna, flora e as composições morfológicas da natureza durante o longo percurso que fez do Rio de Janeiro, para empreender uma viagem monçoeira<sup>1</sup> a partir do porto de Araraguaba, localizado na Capitania de São Paulo, até a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, na parte mais central da América do Sul, na recém-criada Capitania.

Antes de lermos acerca das imagens produzidas pelo representante oficial da coroa portuguesa na América, informamos que o nobre Antônio Rolim de Moura nasceu na Vila de Moura, no Baixo Alentejo, no ano de 1709. Foi seu pai D. Nuno de Mendonça, IV Conde de Val de Reis, senhor de Póvoa e de Meadas, Comendador e Alcaide-Mor das Comendas e Alcaidarias. Sua mãe foi D. Leonor de Noronha, filha do I Marquês de Angeja, D. Pedro de Noronha. Por linha de varonia, vinha da família *antiquíssima* e *nobilíssima*

---

\* Doutoranda pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso/ FAPEMAT. E-mail: loivacanova@gmail.com

<sup>1</sup> Sérgio Buarque de Holanda assim define *monções*: “Qualquer das expedições que desciam e subiam rios das capitanias de São Paulo e Mato Grosso, nos séculos XVIII e XIX”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 43.

dos Mendonças, apesar de não ter usado o nome, por sucessão a casa dos Azambujas, por ter o último varão renunciado ao nome da família. Desde cedo, o futuro governador de Mato Grosso foi dado aos estudos. Aplicado nas *Filosofias*, leitor dos escritos bíblicos e dos teológicos, das *Matemáticas puras*, das *Ciências* e das *Artes* mais úteis; as que tratavam dos princípios da *Mecânica*, da *Estática*, da *Hidráulica*, da *Marinha*, da *Pilotagem* e da *Fortificação*. Era aplicado às leituras da História Universal e da História de Portugal e se aperfeiçoara na arte da Retórica. Foi um dos responsáveis pela demarcação da fronteira amazônica, estimulou a criação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e foi um dos executores das políticas que redesenharam a fronteira oeste da Amazônia. Homem culto gozava de prestígio junto à administração portuguesa pelos laços de parentesco com a casa de Bragança. Conde de Azambuja (título que recebeu de D. José I em 21 de maio de 1763) foi governador da Bahia e também segundo Vice-Rei do Brasil, entre os anos de 1767 e 1769. Depois de permanecer na colônia americana por mais de duas décadas, retorna a Portugal e lá falece em 8 de dezembro do ano de 1782, aos 73 anos de idade.<sup>2</sup>

É com os escritos deste homem setecentista, que iniciamos nossa busca em torno do modo como escreveu a propósito do que viu, analisando as representações da paisagem, que se torna imagem. Para o exercício da construção metodológica seguimos a concepção de Simon Schama de que a paisagem preserva suas marcas e fatos, e é representada formando um conjunto de possibilidades categóricas e explicativas do pensamento humano.<sup>3</sup>

As imagens construídas por Rolim resultam das representações do espaço observado. Segundo Bonato, “a paisagem, quando representada, torna-se uma imagem. O todo do espaço físico é compilado em uma representação, seja ela pictórica, descrita oralmente, textual ou quaisquer outros meios. A imagem está longe de ser o espaço real. Por definição, é apenas uma representação”.<sup>4</sup>

O Governador como representante da Coroa portuguesa, enquadrou seu olhar, focou, significou ou ressignificou os espaços, uma vez que é neles que o olhar se constrói, neles depositou valores, projetou sonhos, construiu parte de sua história em distintos tons. Sobre esse termo, o *espaço*, várias vezes citado nessa leitura, anotamos os comentários de Bachelard de que “ele é tanto uma realidade exterior quanto uma

---

<sup>2</sup>Cf: MOURA, Carlos Francisco. *Dom Antônio Rolim de Moura, Primeiro Conde de Azambuja: biografia*. Cuiabá, UFMT – Imprensa Universitária, 1982. (Coleção Documentos Ibéricos – Série: Capitães-Generais, 1).

<sup>3</sup> “A natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia. [...] Embora reconheçamos (como devemos) que o impacto da humanidade sobre a ecologia da terra não foi puro benefício, a longa relação entre natureza e cultura tampouco tem constituído uma calamidade irremediável e predeterminada. No mínimo, parece correto reconhecer que é nossa percepção transformadora que estabelece a diferença entre matéria bruta e paisagem.” SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 17 e 20. O termo *marca*, usado pelo autor, tem o significado de expressar a transformação que o homem opera na paisagem natural.

<sup>4</sup> BONATO, Tiago. *Construindo a paisagem da América Portuguesa: imagens textuais nos relatos de viagem do final do período colonial*. Londrina/PR, II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009, p. 96-100. Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Bonato\\_thiago.pdf](http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Bonato_thiago.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2010.

representação". Para o autor, "o espaço é sítio povoado por afetividades, habitado por intimidades, no qual moram desejos, medos e sonhos".<sup>5</sup>

O exercício, nessas páginas, é mostrar como o oficial português olhou para a paisagem, representando-a em textos, em um processo que vai da percepção à representação e vice-versa, em meio à criação sócio-imaginária. Sendo assim, apropriando-nos da fala de Cosgrove, entendemos que a paisagem é um texto cultural: "os textos culturais têm muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes simultâneas e igualmente válidas".<sup>6</sup>

As perguntas que fazemos sobre o assunto são: como Rolim de Moura construiu a paisagem do interior da colônia americana? O que registra e observa acerca da paisagem? Qual o filtro histórico-cultural incluso em suas percepções? Esses são os conteúdos problematizados no decorrer do texto.

Para nossa leitura a respeito das percepções do ambiente natural e cultural apreendidos pelo Governador, principiamos pela sua narrativa na Relação de viagem que fez do Rio de Janeiro à Vila de Cuiabá em 1751, também conhecida como *Diário de Viagem de D. Antônio Rolim de Moura*. Vamos aos seus elementos constitutivos; assim inicia-se a *Relação*:

Meu primo e Senhor. Quanta terra, e quanta água tenho passado depois que vos escrevi. Rios tão caudalosos, matos tão espessos, e campos tão dilatados, que fazem admiração principalmente a quem vem de uma terra tão apertada, como o nosso reino.<sup>7</sup>

Observamos que Rolim expressa nesta passagem uma imagem de vastidão; nela conseguiu agregar valores, um sentido de visibilidade ligado a um valor de grandeza. Em seu aspecto visível e visual, a paisagem para Rolim tem um sentido admirável.

Essa natureza, que é vista por ele, revela que sua memória guarda outra representação de paisagem, aquela de Portugal, mais estreita, que chega a ser *apertada* e, sobre o *nosso reino*, nos parece retratar um espaço povoado de afetividades, um lugar conhecido e que Rolim sente como seu.

Seu estranhamento demonstra uma intimidade com a paisagem do reino português, lugar conhecido e vivido de que guardou a lembrança que lhe possibilitou estabelecer uma comparação. Segundo Bachelard, temos em nós todo o estoque de imagens e lembranças que sistematizam os espaços familiares.<sup>8</sup> O *nosso reino* apresenta um valor intimista, fez ressurgir a lembrança que dominava no recanto valorizado de sua

---

<sup>5</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Para a noção de vastidão como uma espacialidade interior, ver especificamente o capítulo 8: *A imensidão íntima*, p. 189-233.

<sup>6</sup> COSGROVE, Denis. *Social formation and symbolic landscape*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1998, p. 101.

<sup>7</sup> "Relação da viagem que fez o Conde de Azambuja da cidade de São Paulo para a Vila do Cuiabá no ano de 1751." In: PAIVA, Ana Mesquita Martins de et al. - *D. Antônio Rolim de Moura – Primeiro Conde de Azambuja (Correspondências)*. V.1. Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária, 1982, p. 3. Doravante citado como RV.

<sup>8</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 22.

memória. O reino é o lugar da sua lembrança detalhada, guardada pela comparação dos espaços vistos e apreendidos: representa um apego a sua terra natal, em circunstâncias espaciais diferentes. A comparação entre as dimensões espaciais do reino e as dimensões das terras da América Portuguesa suscita a imagem de dois pólos divergindo entre a largura e a estreiteza. A idéia de terra dilatada caracteriza a colônia e, ao mesmo tempo, a impressão de imensidão está relacionada às dimensões do reino de Portugal.

Bachelard explica que as imagens são produtos da memória ou produtos diretos da imaginação. Neste caso, a imaginação é uma potência maior do ser humano - a faculdade de produzir imagens.<sup>9</sup> E a imaginação não atende a ideias definitivas, ela se enriquece com novas imagens.

Para Chauí, “a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma.” É a afetividade da alma, a qual se espera que a consciência lance-se como projétil através dos olhos.<sup>10</sup>

Percebe-se que o espaço geográfico específico da vastidão, da grandeza, é percebido e sentido pelo Governador em função dos seus sistemas de pensamento. É uma narrativa que traz adjetivos referentes a grandes extensões, em traços que sintetizam percepções de espaços distintos da paisagem conhecida. Marcando a transparência da distinção, trouxe em palavras o que lhe era visível aos olhos.

É uma narrativa que informa ao leitor a composição que anima a paisagem natural, em um tom que conduz os leitores pelo cenário de uma vegetação inesgotável, onde se confundem árvores imensas, cipós, raízes sinuosas, matas, troncos, pedras, cachoeiras, rios, sirgas.<sup>11</sup>

A paisagem trouxe aos viajantes motivos de divertimentos, espaços onde a caça e a pesca enfeitavam o cotidiano do Governador, momentos de prazer que minimizavam as agruras da árdua travessia monçoeira. Ao aguardar Gomes Freire, no Rio de Janeiro, para obter informações a respeito da política de Mato Grosso, Rolim ocupou-se “em andar pelo mato atirando aos papagaios e aos tucanos, de que havia boa quantidade”.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> BACHELARD, Gaston. Op. cit., p. 16-17.

<sup>10</sup> CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto *et al.* *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 33-34.

<sup>11</sup> Para definir sirga, Rolim diz: “(...) O fundo dele [do Rio Tietê] é quase todo pedra quando esta é assentada por igual; mas com pouco fundo de modo, que algumas partes era calhau: onde roçam as canoas, chamam a isto itaupaba; quando é desigual, e com pedras espalhadas, e em altura debaixo da água que as canoas correm risco de se virarem, topando nelas, chamam-lhe sirga; porque é necessário lançarem-se os pilotos, e remeiros à água, e levarem as canoas às mãos para as irem desviando devagar sem as deixarem tomar força com a correnteza, que ali é sempre maior.” RV, p. 8.

<sup>12</sup> RV, p. 5.

O trecho a seguir nos faz perceber que na aventura pela paisagem monçoeira havia a riqueza da fauna, depositária de muitas curiosidades. Representa uma paisagem múltipla, com espaços marcados por singulares significados, em que as aves ocupam o seu principal enquadramento no episódio. Rolim leva o leitor a uma viagem aos *habitats* das espécies, informando, comparando e as identificando de acordo com seus referenciais. As caças podiam ser mais ou menos saborosas como as já conhecidas no reino, enquanto outras foram identificadas a partir do seu tamanho. A paisagem mostrava-se agradável quando generosa e pródiga, ao ofertar quantidades e variedades para o paladar:

De onze de agosto por diante comecei a ter caça, e depois poucos foram os dias, em que me faltou. Patos bravos maiores, e mais gostosos, do que os do Reino; e outra casta de pássaros a que chamam jaós do tamanho de perdizes, e com alguma semelhança no gosto; em certas paragens muita quantidade de papagaios, os quais não são maus com arroz. Há em algumas partes uma casta de barro que os pássaros comem; mas nem todos gostam do mesmo, e lhe chamam barreiros daquela espécie de pássaros, que ali vão. Topando-se com eles, sem uma pessoa se tirar de um lugar, mata quantos quer; porque eles se não afastam. Além destes se mataram outros, que não são capazes de se comerem, entre os quais foram uns, que se chamam tuiuiús, que postos em pé, são mais altos, que um homem. Da caça de pêlo neste rio só vi pacas e capivaras. As primeiras são do tamanho de um leitão com os pés curtos, e pêlo como de cão pardo escuro. Das outras, o feito é de rato, principalmente a cabeça: o pêlo na asperesa é de porco, mas pardo: são do tamanho de um marrão, e o gosto não é bom, a paca sim é mais gostosa.<sup>13</sup>

Existem lembranças detalhadas, facilmente notadas em seus escritos, quando as relaciona aos espaços do reino português e a sua memória, servindo como referência ao ineditismo e ao reconhecimento das coisas que viu, experimentou e sentiu. São elementos que o levaram à sua memória gustativa e sensitiva, podendo comparar, avaliar e apreciar. Visualidades de espaço, formas, tamanhos, cores. Memória gustativa e olfativa, sensibilidade e sensações; são essas as várias lembranças contidas em conteúdo assimilado, quando relaciona e compara o que viu e sentiu na colônia com sua terra natal.

Nas paradas que fazia, em muitas ocasiões o nobre oficial português divertiu-se com pescaria, caçadas, aproveitava para tomar sol e passear em canoas. Há uma descrição sobre um momento de prazer na Capitania do Rio de Janeiro: foi quando ele passeou de canoa e caçou enquanto aguardava o governador Gomes Freire na vila de Parati:

O tempo que Gomes Freire tardou, por causa da frota, me serviu de divertimento passear por esta baía em uma canoa, que sem embargo de me assegurarem ser a menor de três, que se haviam tirado do mesmo pau, levava seis remos de voga, e na popa acomodava seis, e sete pessoas; (...) Neste sítio me despi pela primeira vez, o que até então não tinha feito desde o principio da viagem (...) Os dias, que aqui estive parado, me diverti também com ir às perdizes, quando a chuva me dava lugar; ainda que ali há menos, sempre vinham algumas para casa; (...) A dez se matou o primeiro cervo, e como modo de se caçar a estes, e aos veados é tão diferente do reino, que não quero deixar de exemplificar

---

<sup>13</sup> RV, p. 11.

aqui. Estes comumente andam pelos campos, quando os caçadores os avistam, despem a camisa, e a põem na cabeça, e se vão chegando desta sorte, fazendo várias visagens, com o que a caça para, e as vezes vem reconhecer o que aquilo é, e em chegando a pequena distância, lhe atiram ordinariamente com chumbo grosso, ou bastardos, pois de outra sorte não sabem. Para matarem as emas, as buscam levando um ramo diante da cara, com o que deixam chegar o caçador de forma, que lhe atira à queima roupa. Há veados do tamanho das cabras, mas a carne mais tenra, e gostosa, que a dos nossos (...).<sup>14</sup>

A expansão da colonização em Mato Grosso, como em todo o espaço colonial, está marcada pela importância das plantas e animais, nos quais Rolim e sua comitiva se apoiaram no esforço de sobrevivência, criando uma série de inter-relações.

Essa viagem monçoeira é cheia de aventuras e desventuras, com longas paradas e muitas observações ao longo do percurso. Durante o trajeto da Vila de Guaratinguetá, São Paulo, a Parati, no Rio de Janeiro, Rolim perdeu homens, em razão da intensidade do frio e da umidade da Serra de Parati, o que dificultou até o acender de fogueiras para o aquecimento das noites geladas. Trilhas pontilhadas de rochas, o que deixava o governador com dor nas cadeiras por dias, sem poder se endireitar.

As imagens sobre o caminho por ele feito são escritas em um encadeamento de subir e descer morros “tão altos e empinados, que quase todos os cavalos aguaram, até os que iam à mão, e foi preciso sangrá-los (...)”.<sup>15</sup> Essa paisagem mostrada por Rolim apresenta inconvenientes que dificultavam o deslocamento. Entre os tantos embaraços nessa viagem, um deles era particularmente significativo: a falta de pastos para os cavalos, que fazia com que Rolim mandasse um homem.

Em vários momentos do relato, Rolim diz dos lugares em que pôde se acomodar para o seu descanso, da comitiva e dos animais de carga. As imagens projetadas quanto aos lugares variam em gradações entre os menos e os mais civilizados, vistos quase sempre como locais desertos, distantes e primitivos. Suas reflexões mostram percepções e juízos sobre o que testemunhou, de acordo com a simetria das ruas e o grau de civilidade:

A Vila de Guaratinguetá, em que fiquei naquele dia (...) é já mais rica, do que as outras por ser passagem para as minas daqueles, que vêm buscar a estrada do Parati (...) Nesta noite, que foi a quarta, dormi bastante mal acomodado em sítio, que está dentro de um capão de mato de quatro léguas de comprido. Na seguinte fiquei na Vila de Taubaté, a melhor, que vi naquele caminho, bem assentada com boas ruas, e compridas alegre, e os seus moradores mais civilizados (...) Na vila (Parati) me receberam, como se fosse o próprio General; a passagem, que por ela se faz para as Minas, e a quantidade de aguardente de cana que ali se fabrica, lhe dão alguma opulência (...).<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> RV, p. 5, 15, 16, 13.

<sup>15</sup> RV, p. 4-5.

<sup>16</sup> RV, p. 4-5.

Nessa paisagem observada, há locais que se encaixam ao modelo que se construiu como civilizado e outros que entendeu como bárbaros. Via-os distantes do padrão de civilidade. Sugere-nos seu olhar que há um protótipo que emoldura o enquadramento das imagens dos espaços de vilas e demais povoações urbanas. Esse padrão deve-se aos conhecimentos urbanísticos que o Iluminismo ou Filosofia das Luzes<sup>17</sup> propagavam à época. A ótica do movimento filosófico dedicada à estética urbana apostava no planejamento das edificações; o espaço deveria ser racionalmente planejado, com traçados que representassem o ordenamento das ruas e o planejamento das casas. Essas informações possibilitam entender com maior propriedade o universo explicativo do Governador acerca das projeções das imagens dos espaços urbanos, aos quais atentou ao longo de sua viagem pelo interior colonial e mais pontualmente na Capitania de Mato Grosso.<sup>18</sup>

O espaço do sertão foi representado em categorias que variam entre aspectos positivos e negativos e, juntos, formam parte das representações de Mato Grosso presentes no imaginário social. A paisagem do sertão, quando representada por Rolim, ganhou muitas imagens e a partir dos seus escritos observamos uma fronteira dinâmica, marcada pela presença humana, pela mobilidade física de indígenas e de colonos. Ainda, foi representada com produção agrícola e com criação de bovinos, com comércio, com povoados e caminhos. A paisagem mato-grossense foi narrada por Rolim com espaços culturais e ambientais, entremeando uma narrativa de imagens ambíguas acerca das sociedades indígenas. Um sertão que havia sofrido a intervenção do colonizador e nele deixou marcas: com unidades produtivas, com abertura de caminho terrestre e fluvial e núcleos populacionais formados pelo resultado da descoberta do minério. São imagens que tratam de um universo cultural e ambiental significativamente diverso, mas que se complementam na dubiedade das apreensões imaginárias do ilustre governador, em alusão ao sertão da colônia.

O Governador escreveu, na *Relação*, instruções de uma viagem, correspondendo a um manual, um guia de exploração. Traçou uma rota, observou os pontos, observou rumos e riscou mapa.

---

<sup>17</sup> Para Im Hof, o Iluminismo é um termo que faz referência ao movimento filosófico que trouxe atividades reformistas ao século XVIII. Um termo solicitado, todas as vezes em que se fala em razão, liberdade e felicidade. O período axial desse movimento filosófico situa-se um pouco antes e um pouco depois de 1750. Em suas origens, a Ilustração articula-se com as conquistas da “Revolução Filosófica e Científica” do século XVII. Torna o absolutismo iluminado e produz as duas grandes repúblicas, a norte-americana e a francesa. O movimento das Luzes é reação ao Barroco, à Ortodoxia, à Contra-Reforma. IM HOF, Ulrich. *A Europa no século das luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1995, p. 16-17.

<sup>18</sup> Antônio Rolim de Moura está em parte contextualizado ao Século das Luzes. Formou-se nos estudos da época, com leituras de Locke, Descartes e Malebranche, importantes nomes que abriram espaço para a ciência junto à Filosofia das Luzes. Além disso, realizou estudos em Filosofia, Teologia, Matemáticas Puras e aprendeu os princípios da Mecânica, da Estática, da Hidráulica, da Marinha, da Pilotagem e da Fortificação. Para mais informações sobre o assunto, cf. MOURA, Carlos Francisco. *Dom Antônio Rolim de Moura, Primeiro Conde de Azambuja: biografia*. Cuiabá: UFMT – Imprensa Universitária, 1982. (Coleção Documentos Ibéricos – Série: Capitães-Generais, 1) e SILVA, Paulo Pitaluga e Costa. *Dicionário Biográfico Mato-Grossense. Período Colonial, 1524/1822: autoridades, bandeirantes, cientistas, conquistadores, índios, militares, religiosos, sertanistas, viajantes*. Cuiabá: Carlini & Carniato, 2005, p. 164-165.

Sabe-se que Rolim, notificando Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre seu trabalho de demarcação na fronteira Guaporeana, informou que da jornada que fez de Araraguaba ao Cuiabá “escreveu mapa” e que “a altura daquela Vila foi tomada por um astrolábio de pouco mais de um palmo de diâmetro, e concordou a latitude que achei de 1547’ com que havia, outro curioso observado antes de mim”. Informa Rolim, que o astrolábio “é o mais próprio para a terra, porque não necessita de horizonte”. Avisa que: (...) “Enquanto à longitude estão ambos os mapas com bastante diferença da verdade, pois eu não trouxe instrumento que o pudesse observar; e assim me vali somente da fantasia”. Participa ao Governador Xavier que: (...) “Até o Taquari não desmentiu, demasiado, da observação do sol que aí fiz; mas de lá para o Cuiabá”, devido ao perigo dos índios que transitavam sobre as águas do Pantanal, vistos como inimigos, “era preciso, vir com mais cuidado na frota, não pude aplicar tanto o curso das canoas”.<sup>19</sup>

Sua visão utilitarista impulsionou a escrita, informando sobre as dificuldades de fazer seu mapa e as possíveis diferenças, que poderiam ocorrer se comparado a outros, justificadas pela falta de instrumentos mais capazes. Ainda, adicionado a esse trabalho, Rolim informou sobre o sabor das aves, dos animais e dos frutos, aventurou-se em descobertas de prazeres cotidianos. A narrativa de viagem é a posição específica do colonizador: curioso acerca do outro e seguro de sua superioridade. Nesse sentido, a superioridade de Rolim servirá como ponto de discussão daquilo que lhe presenteia a visão. Anotou suas impressões superlativas sobre as águas, as vastas terras, das quais viu e conheceu. Permitiu-se o registro das curiosidades e do exotismo:

A dois de janeiro, se matou um tamanduá, o bicho mais raro, que encontrei desde que ando pela América. O tamanho era de um porco grande ao qual se parece nas sedas, ainda que muito mais crescidas, e com suas malhas. O rabo é do feitio de uma pluma tão comprido e largo, que se cobre todo com ele. O focinho comprido e agudo. A língua em extremo delgada, e do comprimento de um côvado, ou mais. O seu sustento são formigas, que apanham metendo a língua pelo oco dos paus, em que elas estão, e em sentindo bastantes pegadas nelas, a recolhem. Com usarem de tão fraco sustento são animais muito forçosos, de sorte, que matam as onças. Assim como as vêm se deitam de costas, e quando a onça lhe dá o salto, a apertam nos braços em que têm muita força, e com duas unhas, que têm em cada mão muito rijas, as atravessam até o coração. Foi morto de uma canoinha, vindo nadando pelo rio, o que se fez com grande facilidade, dando-lhe com um pau no focinho.<sup>20</sup>

Bourguet diz que um relato de viagem consistente apresenta o que é objeto de curiosidade. Os exploradores conferem um caráter de aventura pessoal à narrativa dos fatos; há com o ambiente uma relação física e intelectual, um misto de empatia e hostilidade; pode haver também um sentido realmente

---

<sup>19</sup> Carta enviada por Antonio Rolim de Moura a Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Vila Bela da Santíssima Trindade, 14 de fevereiro de 1755. In: PAIVA, Ana Mesquita Martins de et al. D. Antônio Rolim de Moura – Primeiro Conde de Azambuja. (Correspondências). Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária, 1982, v. 2, p.64-66.

<sup>20</sup> RV, p. 26-27.



científico, adaptado à descoberta e à investigação. Há uma visão global e sistemática da geografia e do clima, da natureza do terreno, da quantidade de águas, das distâncias a serem ultrapassadas.<sup>21</sup>

Observa-se, na narrativa de Rolim, uma organização em que apresenta uma visão global e sistemática do trajeto. A geografia e o clima, a natureza do terreno, os habitantes e seus costumes. É um testemunho simples, como um espelho que percorre o caminho, refletindo a imagem do mundo observado, de uma natureza rica, exuberante e incômoda.

Antônio Rolim de Moura, ao deslocar-se para o interior da América portuguesa, foi observador arguto das imensas reservas de produtos primários essenciais para a sobrevivência e no processo de descobrir, penetrar e dominar politicamente a região mais interiorana de todo o Brasil.

Todas essas marcas escritas por Rolim preenchem o campo de visão em meio à paisagem natural. Nela se formava um quadro de uma natureza exuberante marcada por vilas, ligadas por caminhos sinuosos, difíceis e perigosos. Essa paisagem vista por Rolim estava marcada pela existência de mercados, vilas, produção de frutos, animais de carga, sítios, fazendas e minas de ouro. Marcas de produção e comércio que lhe davam a idéia da ligação com outras partes do Ocidente da América.

Em meados dos setecentos, nesse vasto interior da colônia Brasil, havia uma diversidade de espaços inseridos na paisagem, novas marcas impulsionadas pela ação de colonizadores. Um período no qual os sujeitos sociais foram capazes de enfrentar as distâncias no interior do mapa colonial ibero-americano para viver a experiência de novos projetos.

### **Histórias no rio Tietê**

Era o Tietê o principal rio para os monçoeiros: dele partiam os diversos agentes impulsionados pelo desejo da conquista de índios, pela descoberta de minas e outros tantos interesses que ressignificaram o interior das terras sul-americanas nos idos do período colonial. Sobre os caminhos que se fizeram em águas navegavam, para chegar ao centro-oeste da colônia Brasil, oficiais do Estado português, escravos, índios e outras gentes da colônia, movendo esforços para adentrar ao sertão, no mais interior das terras americanas.

Historicamente, o rio Tietê foi personagem desde os primeiros tempos dos descobrimentos e representa, enquanto elemento da paisagem, um curso d'água que transportou significativa carga histórica, como caminho fluvial da história das bandeiras e das monções e porta de entrada como meio de transporte em busca do ouro e de índios para o comércio escravista.

---

<sup>21</sup> BOURGUET, Marie-Noelle. O explorador. In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa, Editorial Presença, 1992, p. 240-241.

O Tietê nem sempre teve esse nome. Em *Caminhos e fronteiras*, Sérgio Buarque de Holanda nos informa que “Anhembí” era a designação primitiva do Tietê, significando “rio das anhumas ou de anhimas”, aves que causavam espanto ao europeu com seu unicórnio frontal, os esporões das asas, os pés desproporcionalmente grandes. Aves que, desde o início do povoamento, eram procuradas pelos caboclos que buscavam nelas o remédio ou a prevenção para toda sorte de males. Tiravam “especialmente do unicórnio, mas também dos esporões e até dos ossos, da perna esquerda, faziam-se amuletos e mezinhas contra falta de ar, estupor, mau-olhado, envenenamento e mordedura de animais”.

O Tietê era o primeiro da rota que levava ao Cuiabá a partir do porto de Araritaguaba. Seguia-se viagem para alcançar as águas do Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, e dele, entrando pelo Taquari, Paraguai, Xianes, dos Porrudos (o São Lourenço) e Cuiabá, chegando enfim às minas.<sup>22</sup>

Os monçoeiros descreviam as dificuldades pelas quais passavam na aventura de chegar às minas do Cuiabá, incluindo nesse panorama as adversidades vividas sobre as águas, em corredeiras que faziam as canoas balançarem para desespero dos navegantes.<sup>23</sup> Esses caminhos se faziam por meio de mapas falados, relatos que indicavam os roteiros, as dificuldades e também ensinavam como tornar a viagem menos perigosa. Essas viagens eram verdadeiras epopéias fluviais. Demorava-se em média, dependendo da altura das águas, cinco meses para se realizar o transcurso dos rios, entre São Paulo e as minas do Cuiabá. A primeira parte do caminho monçoeiro era a mais difícil, quando se tinha que transpor as cachoeiras e corredeiras do rio Tietê, Pardo e Coxim, tirando-se toda a carga das canoas, transportando-a, juntamente com as canoas, por terra nas costas dos “camaradas”, já próximo a Camapuã, estavam os guerreiros Cayapó, que via de regra, com seus temidos porretes, atacavam mortalmente os passageiros das monções.<sup>24</sup>

Segundo Dean, seguindo a rota mais direta do Rio Tietê até as minas de ouro no Mato Grosso, os homens haviam de percorrer 550 km, de um lugar chamado Porto Feliz até sua foz. Era

---

<sup>22</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 83-143.

<sup>23</sup> Desde o ano de 1622, grupos de sertanistas provenientes de São Paulo vinham para as atuais terras mato-grossenses incumbidos do exercício da preação de índios e destruindo povoações de castelhanos. No ano de 1648, “Raposo Tavares atravessa a região de Vacaria, sobe o Paraguai, para ganhar os rios da Bacia Amazônica”, e, seguindo esse exemplo, muitos outros o sucedem. Nessas entradas, nas últimas duas décadas do século XVII, as terras ao oeste do Brasil, começam a ser efetivamente devassadas pelas ações dos sertanistas e colonizadas. As monções “princípios a aparecer” quando as bandeiras já entravam em declínio e “aparecem servidas por instrumentos diferentes, guiadas por métodos próprios e movidas até certo ponto por uma nova geração de homens”. Momento que se caracteriza pela falta de clareza do fim de uma e o início de outra. As monções se entroncam na história das bandeiras e prolongam a prática de escravização imposta às sociedades indígenas. A descoberta do ouro nas “minas do Coxipó Mirim, representa o marco da partida para a história das monções”. Expedições que exigiam dos sertanistas maior disciplina pelas condições exigidas às viagens, sujeitando-os a novos limites e novas pressões sociais e judiciais lançadas pelos administradores coloniais. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. cit., p.135.

<sup>24</sup> COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999, p. 182.

um percurso que custava um mês de perenes dificuldades, com paradas noturnas e varações - ao todo eram contadas 61 - que exigiam o desembarque e reembarque de canoas. Esses viajantes eram informados de que poderiam viajar pelo Tietê no tempo seco do inverno, período menos propício a febres e em que, com a baixa das águas, a pesca era mais favorável. Ao subir o rio no nível máximo das águas, as tripulações padeciam de fome. Contudo, o nível baixo das águas significava mais varações e arrasto de canoas por sobre bancos de areia.<sup>25</sup>

Rolim de Moura conta-nos das aventuras vividas por ele e seus companheiros de viagem ao adentrar as águas do rio Tietê. Descreve inúmeras operações da parte dos guias para nele poderem trafegar e o apresenta apontando para o sertão. O primeiro a ser navegado, e que fazia parte do longo trajeto para alcançar as terras de Mato Grosso e os rios que transportavam os navegantes a Santa Cruz de la Sierra e ao Grão-Pará e Maranhão.

Com a intenção de problematizar as representações simbólicas dos espaços contidos na paisagem, exploramos algumas informações presentes no relato sobre a longa travessia pelos rios, encontrando no Tietê alguns pontos que chamaram nossa atenção. Tratamos das imagens que são representadas por Rolim quando ouviu histórias e observou a paisagem. Seguindo essa idéia, a proposta deste texto é o estudo da paisagem representada por Rolim, na tentativa de percorrer meandros que possam ajudar a entender as dinâmicas sociais narradas por ele, a partir do estudo de certas singularidades.

Dentre os lugares que viu quando navegava pelo Tietê, Rolim escreve sobre uma determinada cachoeira cuja história entrelaça-se à do padre Anchieta, que segundo autora, “Ele [o padre Anchieta] passará pela altura do Ararituaba, antes de, na conformidade da tradição, naufragar pouco mais abaixo, no local que tomou o nome de Avaremanduava”<sup>26</sup>:

Duas léguas abaixo do porto está aquela célebre cachoeira, a que chamam na língua da terra Avará-Manduaba, que quer dizer - lembrança do padre Anchieta -escapando ele milagrosamente, como relata a sua vida, e é tradição constante naquelas partes.<sup>27</sup>

Nessa passagem há uma breve menção que expressa uma história de quase fatalidade. O espaço memorável, no caso a cachoeira, representou uma construção imagética de um acontecimento histórico, de

---

<sup>25</sup> DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 220.

<sup>26</sup> “Do tupi *abaré* (padre), no sentido de local onde o padre naufragou. Reza a lenda que Anchieta teria se salvado graças aos esforços de um índio da expedição, que o teria resgatado do fundo das águas, onde o mesmo permanecia miraculosamente calmo, a ler seu breviário”. Ler: SILVA, Valdez Antonio da. *Os fantasmas do rio: um estudo sobre a memória das monções no vale do médio Tietê*. UNICAMP, 2004, p. 17. (Dissertação de Mestrado)

<sup>27</sup> RV, p. 9.

risco à vida do padre. Schama diz que quando uma determinada idéia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário: “a paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre a mata, a água e a rocha”. É pois o que a cachoeira representa: o referente que foi o fato está intimamente associado à cachoeira, enquanto componente da paisagem. A cachoeira Avará-Manduaba guarda a idéia de um sítio povoado por sentimentos, representa um símbolo perceptivo, ou melhor, uma memória simbólica.

Aqui usamos o conceito, apresentado por Jackson, de que a paisagem é um conjunto de espaços que, nesse caso, ganham significados; espaços esses transformados pela ação humana<sup>28</sup>. O espaço é tanto um campo de visão como uma representação, e a cachoeira é esse espaço povoado de emoções, sítio povoado de afetividades e lembranças.

O que temos escrito por Rolim é um “acto mnemônico” e ele é fundamental enquanto “comportamento narrativo”, que se caracteriza pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. A cachoeira e o fato acontecido marcaram a identidade do lugar e a narração de Rolim reproduz um ato de memória, que aqui se transforma em história. O acontecimento trouxe um encadeamento de lembranças e definiu a identidade daquele lugar. A cachoeira marcou simbolicamente a perpetuação da lembrança, pois ela é uma representação figurativa da memória. O triplo problema de tempo, espaço e homem constitui matéria memorável. A memória da cachoeira inserida na paisagem tem esses elementos; ela tornou-se um espaço, o acidente deu-se num tempo determinado e a ação aconteceu com um padre de importância simbólica para as ações cristãs na colônia Brasil, o padre Anchieta. A cachoeira foi transformada num espaço histórico e é um antídoto para o esquecimento. Tornou-se uma fonte de imortalidade. Pois Rolim escreve para tal fim, informar a quem precisa ser informado, com uma seleção de fatos memoráveis. Nesse caso, a cachoeira pode ser vista como um monumento.<sup>29</sup> Na medida em que se pode incluir o espectador (no caso de Rolim) no processo de significação da imagem entre a tríade real-percebido-imaginário, vê-se que Rolim, neste caso, editou, selecionou e significou uma representação. Neste caso, o referente está tão colado ao signo que já não se pode mais separá-los, tal como não faz sentido separar cultura e natureza.

A imagem, nessa passagem do texto, adquire relevo e é um espetáculo que pertence ao passado. A imagem é um simples substituto do que já se foi. A mensagem da história da cachoeira permanece exatamente como um acontecimento passado, levado em consideração, pois se transformou numa imagem que determinou o resumo da dinâmica daquele espaço. A imaginação nesse caso reproduziu uma

---

<sup>28</sup> Cf. JACKSON, John Brinckerhoff. *Discovering the vernacular landscape*. New Haven: Yale University Press, 1984. *Apud* VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Julho/agosto/Setembro 2006. Vol. 3, Ano III. Nº 3. Disponível em [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). p. 4.

<sup>29</sup> Cf: LE GOFF. Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 535-536.

lembrança. Esse espaço, o da cachoeira, foi percebido pela imaginação e apreciado em todas as suas parcialidades. Foi imputado à cachoeira um valor humano, um valor de posse, do acontecido, do sentimento de perigo. Uma imagem acrescida de outra imagem; há nesse jogo de lembranças um enriquecimento da realidade, com testemunho<sup>30</sup>. A cachoeira representa a síntese imemorial da lembrança. Ela é o signo acoplado ao referente, numa relação semiológica do elemento da natureza e cultura. O passado e o presente deram, ao espaço da cachoeira, um dinamismo de continuidade, agasalhando e se apropriando dos pensamentos e das experiências que sancionaram os valores humanos a ela concedidos.

Histórias como essas são incorporadas à paisagem do rio Tietê, e são permeadas de elementos que tornam o ambiente natural possuidor de marcas, que trazem informações formando um conjunto de espaços simbólicos que compõe as representações assinaladas nos escritos de Rolim, amplamente vistas na paisagem. O assunto relatado por Rolim sobre a cachoeira é um espaço da paisagem, um simbolismo da memória presente.

Ao trazer em sua narrativa alguns constructos da imaginação, a paisagem do rio Tietê tornou-se rica nas observações de Rolim, que narra algumas histórias por ele consideradas prodigiosas. Após a passagem sobre a cachoeira Avará-Manduaba, Rolim prossegue seu relato:

Dali a um dia de viagem se encontra outro prodígio ainda que de diferente espécie. Haverá uns poucos de anos se situou naquela paragem um homem tão só, e desacompanhado, que nem ainda cão, nem espingarda tinha consigo, por cuja causa chamavam ao mesmo Sítio do Homem Só, sem embargo do que fazia horta, plantava caçava tanto a caça do ar como a do chão, tudo com arte, e engenho, que lhe facilitava essas coisas. Fazia canoas, em que andava para baixo, e para cima estando no meio de uma das piores cachoeiras, que há no caminho. Algumas vezes se metia no mato quinze a vinte dias sem espingarda nem cão, como já disse. Quando eu passei já estava casado, mas fora essa não tinha outra companhia.<sup>31</sup>

Há aqui um ponto de referência incorporado à paisagem com o objetivo de que o lugar fosse lembrado. É uma representação do espaço, com uma história em movimento. O *Sítio do Homem Só* foi representado num ambiente de produção e de solidão. Seu proprietário tudo fazia para tornar possível a existência naquele lugar. É uma representação da obstinação ao trabalho e de que a natureza foi domada pelo homem. Esse personagem indica uma imagem de enfrentamento da realidade sertaneja, prova que a paisagem natural poderia ser habitada. No caso do homem só, a natureza foi abraçada pela cultura, traduzindo a perseverança, a renovação das relações entre a forma natural e as relações humanas, com a apropriação das riquezas naturais.

---

<sup>30</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 18-19.

<sup>31</sup> RV, p. 11.

Os valores simbólicos atribuídos por Rolim ao ambiente natural formam um conjunto de imagens, desde a mera identificação e nomeação das coisas que viu às representações espaciais constituídas. Seguindo com a leitura do texto escrito por Rolim, atentamos a outra passagem em que transcreve sua percepção. Assim, contamos outra de suas histórias no interior do sertão colonial:

A dez fiquei arranchado ao pé de um morro, aonde ouvi por duas vezes estrondos, como de artilharia, e parecendo-me que seriam trovões, me asseguraram os pilotos, serem estalos, que dava o mesmo morro, e que alguns práticos tinham aquilo por sinal de haver por ali ouro, e que querendo-o examinar várias vezes, se não atreveram a chegar perto pelo horror, que lhe fizeram os ditos estrondos. Na verdade o céu estava mais, como defumado, e semelhante ao que se vê na altura de Cabo Verde, que é de trovoada.<sup>32</sup>

Aqui lemos uma descrição do imaginário, que acoplada à paisagem tornou o morro um espaço do medo. Foi o morro uma conexão através da qual se constituiu uma representação simbólica do espaço. O que se viu nesse trecho foi uma possibilidade de compreensão das formas de interação, apropriação e relação de Rolim com o meio ambiente.

Uma vez mais nos certificamos de que a paisagem não é essencialmente natural, mas composta por rochas de memória; ela tem a capacidade de guardar em si inúmeros movimentos ou momentos da ação humana.

A excelência da terra é apresentada no relato de viagem, com uma ideia de uma natureza dadivosa e generosa. Em diversos momentos escreve a respeito da presença de plantas não nativas que crescem aparentemente sem nenhum cultivo. Perscrutando os espaços localizados por Rolim lemos que, próximo ao sítio de Avenhandaba, havia uma marca expressiva na paisagem monçoeira: “um laranjal, que está dentro do mato sem cultura alguma, e, contudo as laranjas são maravilhosas”<sup>33</sup>.

As laranjeiras destacavam-se na paisagem monçoeira e ofereceram frutos para a comitiva de Rolim. Sabe-se por meio de um estudo do diplomata português Duarte Ribeiro Macedo sobre a História das Introduções Econômicas que a laranjeira foi introduzida em Portugal em 1635, e houve a proibição real de plantio no Brasil de algumas espécies de árvores da Ásia. Mesmo com a proibição, muitas espécies foram transferidas para o Brasil.<sup>34</sup> No contexto que tratamos, não sabemos quem as transportou para a paisagem monçoeira e qual a espécie que Rolim experimentou; entretanto, há uma ideia que pode ser relacionada aos sentidos, à visão e ao paladar. Observamos que o laranjal localizado dentro de um mato, sem cultura alguma, representa

---

<sup>32</sup> RV, p. 10.

<sup>33</sup> RV, p.10.

<sup>34</sup> DEAN, Warren. Op. cit., p. 101-102.

um espaço demarcado na paisagem e, destacado pelo conhecimento de Rolim de Moura, pelo que seus olhos enxergaram, focaram e editaram. A passagem referente ao laranjal representa a imagem de um fenômeno produtivo em terras tropicais, mostrado como a representação da imagem de fertilidade da colônia.

Outro espaço semelhante à Avenhandaba, em que as culturas vicejavam de modo aparentemente espontâneo, porém devendo-se esta “espontaneidade” ao abandono, foi registrado por Rolim quando a viagem aproximava-se de seu final, nas proximidades das minas do Cuiabá:

(...) A vinte e sete, cheguei à Casa de Telha, cujo nome dão àquele lugar, por ter havido ali uns sítios com casas telhadas, que se desemprou por causa dos Paiaguá, mas ficou ali sempre um grande bananal que serve aos passageiros por não ter hoje dono. Quatro canoas se encheram delas, que mandei repartir à tropa.<sup>35</sup>

No rio pantaneiro, o Cuiabá, braço do rio Paraguai, Rolim encontrou vastíssimos arrozais, que estavam a cinco ou seis palmos sobre a água e nasciam “sem ninguém plantá-los”, alimento colhido todos os anos pelos índios. Encontrava-se o arroz em “rodela entrechassado” com o capim. Diz ele que era difícil de acreditar se seus olhos não o tivessem visto, o que certamente já haviam lhe contado. Essa é uma das notícias de destaque descrita na relação que antecedeu sua chegada em Cuiabá, destino quase final de sua incursão pelo sertão mato-grossense. Nessa paisagem observamos a produtividade das terras pantaneiras; há nelas, além dos animais, alimentos que certificam a riqueza da flora, entre os quais: o arroz e o palmito. Segundo os escritos de Rolim era comum encontrarem pela mata palmitos de excelente qualidade, que lhes serviam de alimento na forma *in natura*.

Também os alimentos produzidos pelos agentes coloniais nas margens dos rios eram importantes; demarcavam a conquista, ocupação e forneciam alento aos sertanejos, que contavam com os roçados para o seu reabastecimento e dos animais. Os índios foram agentes importantes à sobrevivência desses homens. Nas viagens mais curtas, os preadores de índios viviam da caça, da coleta de frutas e do mel, atividades normalmente executadas por índios integrantes das monções. Nas viagens mais longas, os índios deveriam providenciar roçados em pontos estratégicos, com vistas a manter os sertanistas. Em algumas ocasiões os índios antecediavam a viagem, providenciavam roçados e neles plantavam os alimentos que serviriam para o sustento da

---

<sup>35</sup> RV, p. 26.

expedição: “eventualmente, alguns desses arraiais desenvolveram-se em povoados, sobretudo nas rotas para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso”.<sup>36</sup>

Camello<sup>37</sup> enumera as unidades produtivas coloniais existentes às proximidades das rotas fluviais, nas quais os monçoeiros, na vinda para as minas do Cuiabá, abasteciam-se de alimentos. No rio Pardo há notícias de duas roças com muito feijão e bananas, e na barra do Nhanduí Mirim há roça povoada. Em Camapuã estão duas roças povoadas, bastante milho, feijão, bananas e cana-de-açúcar, porcos, galinhas e cabras. Nos rios Coxim e Taquari há roças povoadas. No Cuiabá são muitas as unidades produtivas, quase todo o rio de mesmo nome “está cercado por roças e fazendas”.<sup>38</sup>

Observamos nesses exemplos que Rolim fez uma apreciação dos espaços, contendo em algumas situações a percepção da utilidade de um recurso. Podemos dizer que Rolim se apropriou daquilo que tinha como referencial e agregou valores à paisagem. A paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças e mitos, componentes que lhe conferem sua dimensão simbólica.

### **A paisagem do Pantanal**

Vemos uma natureza exuberante, expressivamente bela, porém, havia também os dissabores do mau tempo, das friagens, dos fortes ventos, das chuvas, que nesse texto não cabe analisar. É uma visão da paisagem na qual a jornada é custosa, com a exigente tarefa de empreender a travessia pelo interior da colônia. São relatos que significam situações negativas dos momentos vividos por Rolim durante a viagem. A partir desse item lemos as imagens construídas por Rolim acerca da beleza e da exuberância da maior planície alagável do planeta.

O Pantanal é uma imensa área alagadiça, e sofre influência das águas do rio Paraguai e seus afluentes, tendo maior destaque o rio Cuiabá. As águas pantaneiras assumem características diferenciadas, obedecendo à sincronia das épocas de enchente, que correspondem à cheia, e de vazante, sinalizando o período das secas. É uma vasta planície situada entre os paralelos 16 e 22 S e os meridianos 55 a 58 O. Em

---

<sup>36</sup> MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 90.

<sup>37</sup> João Antonio Cabral Camello descreveu em seu relato datado do ano de 1734. Informações de uma viagem que fez às minas do Cuiabá entre os anos de 1727 e 1730. Aparentemente, era um “homem de negócios”. Escreveu sua “notícia” em 1734, por solicitação do “padre matemático” Diogo Soares. Ver: CANOVA, Loiva. *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757)*. Cuiabá, 2003, p. 21. (Dissertação de Mestrado)

<sup>38</sup> CAMELLO, João Antônio Cabral. *Notícias práticas das minas do Cuiabá*. Cuiabá: EdUFMT/Secretaria de Educação e Cultura, 1975, p. 6-14.



território brasileiro, o Pantanal se estende de norte a sul por 600 km<sup>2</sup>, com uma largura que, em alguns pontos, atinge a 250 mil km<sup>2</sup>.

Essa vasta região foi estudada pela historiadora Maria de Fátima Costa, que pôde reconstruir a ação histórica dos primeiros exploradores, no início do século XVI, da maior área alagada do mundo, a qual chamavam de *Laguna de los Xarayes*, ou *região inundada*.<sup>39</sup> Cartógrafos e jesuítas espanhóis se empenharam na elaboração de relatos onde mostravam uma região de geografia ímpar, ora paradisíaca, ora inóspita ao extremo, ou, pode-se dizer, em constante mutação. Os mamelucos paulistas, já no início do século XVIII, utilizavam outros termos, como *pantanal*, *pantanais*, *campos alagados*, *lagoas com sangradouros*. Os relatos monçoeiros lhe dão como limite as águas estendidas entre os rios Taquari e Cuiabá.

O termo *pantanal* também é uma palavra-conceito, criada pelos monçoeiros ou mamelucos, para definir as águas da paisagem da bacia do Paraguai. A autora explica que *pantanal* não é um topônimo, e sim um adjetivo, referente à qualidade do solo, terra pantanosa. A partir do século XVIII, os Pantanaís ou o Pantanal passaram a surgir em narrativas não espanholas, referindo-se, em parte, ao mesmo lugar que anteriormente os castelhanos denominaram a região mais alagada de *Xarayes* e *Laguna de los Xarayes* ou *região inundada*.<sup>40</sup>

A água é o elemento norteador das relações ali estabelecidas. Os ritmos das águas definem a paisagem do Pantanal. Em canoas a remo, os navegadores cruzavam as baías desses mares de águas doces; águas donas do espaço, que carregam a história, regulam os acordes da vida, movimentam a magia da reprodução de todos os seres. Águas que regulam plantações, definem percursos, se espalham nas chuvas e se encolhem nas secas. Recordando os ensinamentos de Simon Schama: as águas preservam a guarda da história, porém, adverte, não são os únicos elementos da natureza que têm essa simbologia, a das memórias humanas.

Navegar pelas águas do Pantanal representou um rastro atrevido por este horizonte geográfico da colônia Brasil, que passou a ser reconhecido pela presença dos monçoeiros. Dentre todos os relatos do período, o de Rolim é o mais completo e o que mais detalha a paisagem pantaneira. Representa o Pantanal num quadro em figuras, cores e movimento e define o espaço das águas do Pantanal, quando avista o rio Taquari:

(...) pois logo acabado o Tacoari se entra em um pantanal de três dias de viagem sumamente embaraçado de secos e de uma casta de erva a que chamam Aguapé por onde as mesmas canoas passam com grande trabalho e esta mesma há em alguns rios

<sup>39</sup> COSTA, Maria de Fátima. Rolim de Moura e a criação do Pantanal. In: *Comemorativa aos 250 anos da Capitania de Mato Grosso*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá: Edição do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Tomo CXLVI, Ano LXX, 1998, p. 35.

<sup>40</sup> COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. Op. cit., p. 79, 179-180.

que se seguem. E além disto o rio Cuiabá quando está muito cheio o que sucede muitas vezes na vinda das tropas para estas minas corre com tanta violência que me parece impossível pelo que experimentei vencer-se a sua corrente a ponta de remo em outras embarcações pesadas.<sup>41</sup>

Costa nos conta que o percurso desenvolvido nas águas do rio Taquari (um dos afluentes do rio Paraguai) era o trecho mais importante do roteiro das monções, que não tinham mais o Paraguai como o principal rio, e sim o Tietê. Nesse novo roteiro seguido pelos monçoeiros as águas do rio Paraguai eram visitadas em um pequeno trecho. É pelo seu deságue, no Paraguai, que se adentra a região mais alagável: os pantanais. A maior diferença reside no seguinte: enquanto para os espanhóis Xarayes, entendida como lagoa e mãe do Paraguai, foi uma fronteira limite de penetração, para os paulistas, os pantanais que ali se iniciam passaram a ser o entroncamento do caminho das águas. Por esse percurso os monçoeiros chegavam às minas do Cuiabá. Não seguiam pelas águas do Paraguai, mas pelas águas dos rios Xianes, dos Porrudos e do Cuiabá, situadas além de Xarayes<sup>42</sup>. O cruzamento das águas pantaneiras era direção obrigatória para os que se aventuravam para outros lugares da colônia Brasil. O que Rolim nos apresenta é um estranho encantamento, é ao mesmo tempo uma paisagem hostil, fantástica e paradisíaca. Essa paisagem é, sobretudo, uma geografia móvel, em constante refazer-se e modelar-se.

As imagens, representadas pelo Governador, transmitem conhecimento e beleza, é uma vista da entrada de uma região tropical, descortinando os elementos naturais e humanos que falam de uma particularidade da colônia Brasil, o Pantanal. Enquadra seu olhar em uma ideia palpável e real da imensidão das águas, sem conseguir expressar uma definição assertiva sobre suas dimensões:

A treze dei por fim ao Taquari, dividindo-se este em uma quantidade de braços, e sangradouros pelos quais deságua em uns larguíssimos campos, formando neles pantanais tão largos, que a vista se perde para lhe alcançar o fim. Alguns práticos lhe dão trinta e quarenta léguas, e outros muito mais afirmando, que se estende até a cabeceira dos Porrudos, cujo fica para o caminho que vem do Goiás.<sup>43</sup>

O Pantanal foi representado por Antônio Rolim de maneira dúbia, descrito como um espaço de bárbaros e se prestando à função de criatório natural de bichos estranhos e grandes. A essa descrição somam-se outras, em que animais de grandes proporções e índios, de acordo com as nações a que pertenciam, como *inimigos*, *brutos* ou *traíçoeiros*, o têm como morada. Estes valores a ele atribuídos faziam dele lugar da selvageria e residência de animais raros, peixes ferinos e insetos impertinentes.

Para o narrador, a paisagem do Pantanal é a um só tempo selvagem e bela, majestosa e desafiadora. A vida animal foi expressivamente descrita em imagens que refletem uma dimensão de beleza e

---

<sup>41</sup> CARTA de Antônio Rolim de Moura ao rei Dom José I. Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, 13 de julho de 1751. Caixa 6, doc. n 357 (Projeto Resgate).

<sup>42</sup> COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. Op. cit., p. 181-182.

<sup>43</sup> RV, p. 23.

encantamento, de diversidade de espécies e pluralidade de informações sobre o ambiente natural. Um belo quadro de formas, seres, cores e movimento:

Quando leva pouca água deixa várias praias descobertas, as quais se enchem de caça, principalmente patos de extraordinária grandeza, e outros mais pequenos, a que chamam marrecos. Há também pelos matos muitas araquás, jacus e jacutingas; passam de bom gosto, saudáveis de modo que se dão aos doentes principalmente as araquas, que sendo destes os mais pequenos, sempre tem o tamanho dos nossos perus novos, muito airosos, e bem feitos, e de bom gosto. A caça de pêlo também é infinita: muito porco bravo, muito veado e capivaras<sup>44</sup>.

Antonio Rolim de Moura refere-se às baías, espaços que compõem a geografia da região. Quando navega no rio Cuiabá, afluente do rio Paraguai, ele lembra e constrói o espaço do Pantanal com referências anteriormente adquiridas. Por elas, Rolim navegou no tempo das cheias. Inclui em suas observações uma noção de familiaridade, que assim mostra:

Como cada vez custava mais vencer a corrente sem embargo de ser mal sucedido a primeira vez, a seis tornei a tomar o pantanal, deixando o rio à mão esquerda, e entrei nele por um sangradouro, que chamam o Cuiabá-mirim. Era aquele pantanal diferente dos outros; porque eram tudo baías muito largas, e limpas, e com bastante altura da água. Para passar de umas a outras se atravessavam pedaços, que estavam cobertos de capim, e aguapé, o que lhe servia de divisão. Naquele dia passei quatro baías todas largas, mas na última me pareceu, que estava no Porto de Lisboa pela sua largura, e ainda pelas ondas, que fazia, o que não deixou de dar algum cuidado; porque as embarcações, em que íamos, não são para resistir ondas, se não para passar cachoeiras.<sup>45</sup>

Ao encontrar-se nas águas da baía de Chacororé, a baía que faz ondas, tem uma vaga lembrança de um mar distante, uma saudade deslocada do seu lugar de afetos e lembranças; é um sítio povoado de histórias suas, do lugar do Porto de Lisboa. A imaginação criadora mais uma vez se manifestou em seus sentidos, trazendo um espaço para definir outro. Aqui podemos dizer que a imaginação é a faculdade de produzir imagens. A imaginação visa determinar o valor humano dos espaços amados, dos espaços de posse, dos espaços vividos e apreendidos.

O que Rolim chama de baías “são áreas deprimidas do terreno”, são lagoas encontradas em quase toda a região do Pantanal. Formas circulares, elípticas, em crescente, irregulares ou periformes, podendo ter ilha no centro. Suas dimensões variam desde poucas centenas de metros a mais de uma dezena de quilômetros. A paisagem que descreve é múltipla. Ele traz a *visualidade* das formas e apresenta os seus elementos formadores, que são seus dados materiais, somados a uma *visibilidade* subjetiva, ou elementos imateriais ou culturais, que complementam a carga histórica da realidade observada.

---

<sup>44</sup> RV, p. 19.

<sup>45</sup> RV, p. 28.

Nesse ambiente natural há outro espaço apresentado, ao que ele nomeou de *Ilha dos Pássaros*. Relata uma grande caçada nesta ilha. Havia muitos tuiuiús, que facilmente se matavam com armas de fogo. A matança era exagerada e sem limites; matavam além do que poderiam carregar e comer. A imagem de abundância está presente quando Rolim descreve os espaços pantaneiros:

A doze passei pela Ilha dos Pássaros, aonde saltei um pouco em terra. É aquela ilha uma das coisas raras, que se encontram neste caminho. Dão-lhe aquele nome por se criarem ali várias castas de pássaros muito grandes, a que chamam tuiuiús (...) quando de longe avistamos a ilha estavam as árvores, que é tudo mato fechado tão cheias de tais pássaros, que parecia roupa, que estava a enxugar. Cada um dos caçadores se pôs debaixo da sua árvore, e dali matou os que quis, porque por mais que caíssem, os que ficavam na mesma árvore se não afastavam. Enfim eu receei, que arrebatassem algumas armas; pois não medeava mais tempo entre tiro, e tiro, que o que leva o carregar; só tinha um desconto, que a menor parte era dos que vinham abaixo. A sua mesma molidão os fazia ficar presos nos ramos.<sup>46</sup>

Ilha dos Pássaros representa um resumo da percepção daquilo que Rolim observou na paisagem natural. O domínio do visível trouxe o conjunto daquilo que observou, os pássaros postos em árvores, feito roupas em varais. A caça mostra uma intervenção na paisagem natural, compondo uma nova cena: temos outra dimensão do quadro pintado em palavras. A adição do caçador, sua ação de matar os pássaros, transformou culturalmente a paisagem natural. Pela descrição de Rolim, o homem interferiu na natureza de forma brutal.

Esse não é o único trecho do relato que expressa o domínio da força humana sobre a natureza, o deslumbramento do colonizador levando ao desperdício:

A dois de setembro cheguei ao Salto Itapura, onde também depois de um baixio de lage, forma ela, como um tanque ovado aberto só pela parte de baixo, e em roda dele caía água de muito maior altura, que no antecedente. No meio se levanta uma ilha, ou reduto de pedra. Aqui foi tanta a quantidade de peixe, que se pescou, que muito se tornou a deitar ao rio por não haver já quem o quisesse, sem embargo que ali tivemos três dias de demora.<sup>47</sup>

Em paragem no Pantanal, Rolim conta-nos:

Depois de haver estado naquele sítio alguns dias, como não tivesse chegado o Juiz de Fora, me mandei mais para diante por evitar alguma corrupção do ar com a demasiada estada no mesmo lugar, principalmente começando já a ter algum mau cheiro pela muita caça, que se havia morto.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> RV, p. 22-23.

<sup>47</sup> RV, p. 10.

<sup>48</sup> RV, p. 22.

Observa-se nas citações a exploração perdulária dos recursos naturais. Estes foram interpretados como inesgotáveis, o que possivelmente levou os colonizadores ao exercício inconsequente da supremacia sobre a natureza, dando-se o direito de dominá-la de acordo com suas conveniências: fonte de diversão e prazer.

Ainda seguindo as histórias e construindo reflexões sobre a identidade de um lugar enquadrado pelo narrador, citamos o assunto:

A vinte e dois entrei no Porrudos, que naquele lugar se divide em dois braços, um que conserva o seu nome, e vai buscar no Paraguai, o qual me ficou à esquerda, e o outro, que forma o Arxianes, por onde eu havia subido; logo mais adiante lança o mesmo rio outro braço, que também me ficou à esquerda, onde se divide o caminho para Mato Grosso; por cuja razão se chama uma praia, que ali há – a Praia dos Abraços – por ser o lugar até onde foram os de Cuiabá no ano de 35 e 36 acompanhar, e despedir-se dos primeiros descobridores, que foram para o Mato Grosso.<sup>49</sup>

Mais um espaço definido pelas ações afetivas: a Praia dos Abraços, um lugar de saudades e despedidas, um espaço identificado como aquele que serviu aos que seguiam para Cuiabá e àqueles que dali rumavam para outros lugares. Um espaço povoado de afetividades, singularizado pela história que ali fora construída, inserido na paisagem do Pantanal, marcado pelo olhar de Rolim. Uma marca mnemônica na paisagem.

### **Chegada à Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá**

Após cinco meses de penosa viagem, Rolim chegou à vila do Cuiabá em 12 de janeiro de 1751. Ouviu missa na pequena ermida de Santo Antônio e ordenou salvar “o Santo com três descargas de mosquetaria e vinte e uma peças”. Sinal anunciador do sucesso da viagem. Antes de chegar à vila, algumas pessoas o encontraram em canoas, “e no seguinte todos os Ministros, e a Câmara” o acompanharam até o porto da vila, “onde estavam duas peças de artilharia, que estiveram salvando” desde que o viram. Ao saltar em terra, escreve Rolim, que “salvaram também os Dragões com três descargas de mosquetaria, e a peça com vinte e um tiros”. No porto da Vila, todos estavam a cavalo, e diz o governador que havia “também um preparado para mim por ser distância até a Vila de meia légua”. Todos o acompanharam até a porta de sua casa, na vila de Cuiabá, onde convidou os principais a sua ceia.<sup>50</sup>

Segundo Rosa, Rolim possivelmente deve ter residido na rua de Cima - o que pode aproximá-lo mais, no limite, à rua da Mandioca. Sistemáticamente, os governadores recém-chegados eram homenageados pelo Senado da Câmara na “paragem da Mandioca”. “As recepções eram feitas em uma

---

<sup>49</sup> RV, p. 25.

<sup>50</sup> RV, p. 28-29.

'casa', após o que em cortejo iam à Matriz para o *Te Deum* que, concluído, recolhiam-se os Governadores e só então à 'residência' ou 'palácio'.<sup>51</sup>

Rolim finaliza a *Relação* contando da sua missão ao Mato Grosso: "Ali estavam formadas as ordenanças da terra, muito bem fardadas de uniforme, as quais eu mandei retirar, e antes de o fazerem deram três descargas; e no domingo seguinte dezessete do mês tomei posse".<sup>52</sup>

A chegada à Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá encerrava, para Rolim de Moura e sua comitiva, a primeira e grande etapa da sua permanência na Capitania. A narrativa dessas viagens representa uma odisséia do viajante, muitas vezes significando um ato heróico de uma batalha contra o tempo, contra o desconforto, contra as intempéries naturais, resistência às doenças provocadas pelo clima, enfrentamentos às surpresas que se revelavam no percurso, cenas de perigos espelhadas na composição de uma natureza que se fazia projetada em grandes distâncias, vencidas em dezenas de dias, contados em torno de cinco a seis meses de longas caminhadas e navegações.

Esta leitura permitiu a visão das imagens observadas por Antônio Rolim de Moura da paisagem monçoeira até a Vila do Cuiabá, no mais interior da América do Sul. Esta vila surgiu logo da descoberta de ouro num lugar, onde as representações foram escritas desde o início do século XVIII, quando sertanistas registraram informações, com relação às descobertas do ouro e de índios para escravizar, presentes naquelas paragens.

Na terceira década do século XVIII, o lugar da Vila do Cuiabá e a sua Repartição receberam de seus administradores múltiplos sentidos, escritos em vocábulos que assim são lidos: "larga extensão", "desertos", "dilatadas jornadas", "dilatadas campinas".<sup>53</sup> Foram descritas pelo Capitão General como as de "mais larga extensão do domínio da Coroa"; sobre a sua localização, escreveu que "ficam no mais interior de todo o estado do Brasil".

As minas do Cuiabá, além de guardarem essas imagens de perigos, foram espaços representados por Rolim como longínquos do litoral, "tão distantes das Capitânicas das Minas Gerais e Goiás e com tão pouca comunicação" com a de Mato Grosso.<sup>54</sup>

As representações dos caminhos monçoeiros que levavam às minas do Cuiabá foram feitas por meio de palavras que deram significados a um percurso longo, demorado e distante e a Vila estava em meio ao "vazio", aos caminhos demorados e difíceis. As imagens das grandes extensões coroam os argumentos do Governador, informando ao reino os impedimentos naturais e a existência das sociedades guerreiras que habitavam territórios que vinham sendo apossados pelos colonizadores e elas se ocupavam de navegar nos rios que interligavam as partes mais

---

<sup>51</sup> ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, p. 145.

<sup>52</sup> RV, p. 29.

<sup>53</sup> GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2000, p. 23. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

<sup>54</sup> Carta enviada por Antonio Rolim de Moura a Sua Majestade D. José I. Cuiabá, 18 de julho de 1751. In: PAIVA, Ana Mesquita Martins de et. al. - *D. Antônio Rolim de Moura – Primeiro Conde de Azambuja. (Correspondências)*. Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária, 1982, v. 1.

distantes da geografia americana; impedimentos que tomavam a vida mais árdua e perigosa na perspectiva do colonizador, segundo imagens projetadas pelo Governador Rolim.

Essa é uma representação recorrente das dificuldades registradas pelo Governador: a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, além de se distanciar de outras vilas, guardava a imagem de ser um lugar, que para se chegar até ele, os homens teriam que enfrentar a perigosa presença inimiga dos índios Paiaguá, Caiapó e dos Guaicuru. Os rios que serviam de comunicação às minas, com seus vários perigos e a presença dos índios “irracionalistas”, como os Paiaguá, eram justificativas e entraves até para atender às ordens reais de proteção e defesa àqueles que precisavam navegar pelos caminhos monçoeiros, passagem fluvial obrigatória que fazia a ligação dos lugares mais próximos do litoral com o mais interior da colônia.

Para se chegar até ali, o Governador apresentou uma paisagem crua, de uma face incômoda e perigosa. Os enfrentamentos cotidianos nos parecem bastante adversos para um homem que vinha de uma metrópole européia. Seu descontentamento em relação à paisagem sertaneja é visível, quase sempre representada em uma imagem de isolamento, de perigo e de possíveis ataques indígenas, quase inabitada por brancos.

A análise dos escritos de Rolim caminhou na perspectiva de compreender de que modo as representações enfocadas contribuem para referenciar o interior colonial e sua natureza. A paisagem nas observações de Rolim ganharia uma pluralidade de significados e aspectos diferenciados, nas estratégias de sobrevivência diante dos perigos e hostilidades da natureza bruta, no aproveitamento dos seus recursos, a paisagem se transmudaria.

Em seus escritos, o Governador de Mato Grosso não se eximiu em relatar os detalhes das dificuldades habituais pelas quais passava. Assim, projetava uma auto-imagem de heroísmo, de persistência e de zelo pelo seu dever para com sua Majestade, mesmo diante do sofrimento de ter que viver em terras consideradas inóspitas, onde aturava uma sucessão de agruras. Característica quase geral de qualquer tipo de funcionário colonial seja magistrado, naturalista, governador. Apesar de não manter uma relação efêmera com a Capitania, pois nela permaneceu por treze anos e, ao terminar seu período de governo, não retornou a Lisboa<sup>55</sup> - tudo fez para acrescentar as representações negativas à difícil tarefa de trabalhar na fundação e desenvolvimento da Vila capital (Vila Bela da Santíssima Trindade) e demarcar a fronteira (mais oeste de todo a colônia), com o propósito de chamar a atenção das autoridades portuguesas, de elevar seu trabalho como funcionário real, sendo esta uma prática corrente entre os funcionários da coroa. É certo que os padecimentos foram reais, porém não houve da parte de Rolim intenção de atenuá-los.

---

<sup>55</sup> “No dia 18 de novembro de 1763 chegou ao presídio de Nossa Senhora da Conceição notícia de que já se encontrava no Grão-Pará e Maranhão o seu sobrinho e sucessor no governo de Mato Grosso, João Pedro da Câmara. A 1 de janeiro de 1765, João Pedro da Câmara tomou posse. Rolim permaneceu em Vila Bela ainda um mês e meio. No dia 15 de fevereiro embarcou no Guaporé com destino à Bahia, pela rota do Pará”. Cf: MOURA, Carlos Francisco. *Dom Antônio Rolim de Moura, Primeiro Conde de Azambuja: biografia*. Cuiabá: UFMT – Imprensa Universitária, 1982, p. 87. (Coleção Documentos Ibéricos – Série: Capitães-Generais, 1).

**Bibliografia**

1. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
2. BONATO, Tiago. *Construindo a paisagem da América Portuguesa: imagens textuais nos relatos de viagem do final do período colonial*. Londrina/PR, II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009, p. 96-100. Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Bonato\\_thiago.pdf](http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Bonato_thiago.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2010.
3. BOURGUET, Marie-Noelle. O explorador. In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa, Editorial Presença, 1992.
4. CANOVA, Loiva. *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757)*. Cuiabá, 2003. (Dissertação de Mestrado).
5. CAMELLO, João Antônio Cabral. *Notícias práticas das minas do Cuiabá*. Cuiabá: EdUFMT/Secretaria de Educação e Cultura, 1975.
6. CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto *et al.* *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
7. COSGROVE, Denis. *Social formation and symbolic landscape*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1998.
8. COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.
9. COSTA, Maria de Fátima. Rolim de Moura e a criação do Pantanal. In: *Comemorativa aos 250 anos da Capitania de Mato Grosso*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá: Edição do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Tomo CXLVI, Ano LXX, 1998, p. 35-43.
10. DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
11. GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo: USP, 2000.
12. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
13. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
14. IM HOF, Ulrich. *A Europa no século das luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
15. MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
16. MOURA, Carlos Francisco. *Dom Antônio Rolim de Moura, Primeiro Conde de Azambuja: biografia*. Cuiabá, UFMT – Imprensa Universitária, 1982. (Coleção Documentos Ibéricos – Série: Capitães-Generais, 1).
17. ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.
18. SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
19. SILVA, Paulo Pitaluga e Costa. *Dicionário Biográfico Mato-Grossense. Período Colonial, 1524/1822: autoridades, bandeirantes, cientistas, conquistadores, índios, militares, religiosos, sertanistas, viajantes*. Cuiabá: Carlini & Carniato, 2005.



20. SILVA, Valdez Antonio da. *Os fantasmas do rio: um estudo sobre a memória das monções no vale do médio Tietê*. Campinas: UNICAMP, 2004.

**Artigo recebido em: 05/05/2010**

**Aceito para publicação em: 05/06/2010**